

A EVOLUÇÃO DO PASSADO COMPOSTO EM PORTUGUÊS

Ronald Beline Mendes*

Resumo: O passado composto em português não expressa perfectividade, como no francês e em algumas variedades do espanhol. No português contemporâneo, essa construção expressa aspecto imperfeito (iterativo ou durativo). Neste artigo, apresenta-se um exame qualitativo e quantitativo das ocorrências do passado composto em textos dos séculos XVI-XIX, a fim de demonstrar como se deu a mudança semântica dessa construção portuguesa.

Palavras-chave: Aspecto verbal; variação semântica; mudança.

INTRODUÇÃO

■ **O** passado composto – *ter(presente) + particípio* – é uma construção perifrástica cujo uso aspectual em português é bastante diferente, se comparado ao da forma correlata em outras línguas românicas. Boléo (1936) já havia apresentado algumas dessas diferenças, comparando-o ao uso do *passé composé* no francês, ao do *passato prossimo* no italiano, ao do *perfecto compuesto* no espanhol, dentre outros. Ilari (2000) aprofunda-se um pouco mais na questão, preocupando-se com a necessidade de uma formalização da semântica dessa perífrase em português, afirmando que ela veicula sobretudo o aspecto iterativo, mas também é usada na composição do aspecto durativo.

De fato, se em português o uso contemporâneo de *ter + particípio* (daqui em diante, TP) é sumamente aspectual, pode-se dizer que o uso da forma correspondente nas línguas citadas é mais temporal, no sentido dêitico. O *passé composé*

* Professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: rbeline@usp.br.

denota localização temporal da ação ou evento no passado, e substituiu o *passé simple* na história do francês falado (BOLÉO 1936; HARRIS 1982; HERSLUND et al., 1983). Com efeito, o emprego dessa última construção ficou relegado à literatura, e a tradução de *avoir + participe passé* deve ser feita, em português, pela forma simples do pretérito. No italiano e no espanhol, o *passato prossimo* e o *perfecto compuesto*, respectivamente, ainda concorrem com a forma simples na expressão do passado (HOWE; SCHWENTER, 2003; MOLINA 2004), configurando um envelope de variação em que a forma perifrástica ora é empregada na composição do *aspecto perfectivo resultativo* (cf. CASTILHO, 2000) ora é empregada como forma alternativa para o passado simples.

Neste artigo, vamos focalizar a evolução dos usos de TP em português, analisando suas ocorrências em textos do século XVI ao XIX.¹ Vamos mostrar que, se hoje em dia essa perífrase denota imperfectividade – sendo empregada sobretudo na composição do aspecto iterativo –, houve fases em sua diacronia em que seu emprego era basicamente perfectivo. Nessas fases, representadas principalmente pelos séculos XVI e XVII, TP era então muito semelhante às construções correspondentes do espanhol e do italiano, e em certos contextos seu emprego era equivalente ao da forma simples do pretérito, lembrando o que os autores já referidos afirmam acerca do francês.

Nesse sentido, a principal pergunta que se coloca aqui é: como os usos de TP evoluíram de perfectivo (expressando o resultado de uma ação/evento do passado) para imperfectivo (expressando repetição de uma ação ou evento)? Para elaborar uma resposta, vamos analisar os dados a partir de duas perspectivas. Num primeiro momento, fazemos uma análise qualitativa de ocorrências de TP nos quatro séculos representados no *corpus*, mostrando que a distinção entre perfectivo e imperfectivo começou a se fazer valer, de fato, no decorrer do século XVIII, e que foi no século XIX que o uso imperfectivo de TP se tornou mais freqüente.

Num segundo momento, vamos desenvolver uma análise quantitativa das ocorrências de TP nos textos dos séculos XVIII e XIX, atentando basicamente para o papel de adjuntos adverbiais aspectualizadores e para o uso de TP com verbos de determinadas classes semânticas. Vamos demonstrar que a freqüência de uso de TP com quantificadores e com adjuntos de extensão temporal (correlacionados à composição do imperfectivo) aumentou sobremaneira no século XIX. Paralelamente a isso, vamos demonstrar que TP deixou progressivamente de ser usado com verbos do tipo *achievement* em contextos perfectivos, evidenciando que sua interpretação passou a ser imperfectiva.

Especificamente quanto à terminologia para o aspecto verbal, não há espaço aqui para uma discussão de natureza tipológica. Estamos assumindo que o iterativo e o durativo são subtipos do aspecto imperfectivo, cuja principal distinção com o perfectivo está no fato de que o evento ou o estado de coisas é “visto” na sua progressão do passado para o presente, e, no caso do aspecto iterativo, tal progressão é “intermitente”, enquanto no durativo é “contínua”. Acerca do termo “progressão”, consideramos o durativo e o progressivo aspectos distintos (cf. MENDES, 2005): o primeiro termo se refere à noção de continuidade do passado para o presente, ou seja, ao presente que se estende desde

1 *Corpus* Diacrônico do Português Tycho Brahe, organizado por Charlotte Galves (Unicamp). Disponível em: www.ime.usp.br/tycho/corpus.

algum momento do passado; já o segundo diz respeito a um evento ou estado de coisas cuja continuidade se dá apenas no momento da enunciação da sentença.

TER + PARTICÍPIO ATRAVÉS DOS SÉCULOS – ANÁLISE QUALITATIVA

Perfectividade

Numa espécie de Gramática “dialogada” do século XVII, *ter + participio* é definida como uma construção que expressa tempo passado. Os grifos são nossos.

Mestre. E para que tempos, é que serve (o Verbo Ter) de Auxiliar?

D. Para o Pretérito perfeito, para o plusquam para o Futuro, e Gerúndio.

M. Dizei exemplos.

*D. **Tenho amado** é Pretérito perfeito. Tinha amado é Plusquam. Terei amado é Futuro. Tendo amado é Gerúndio (ARGOTE, s. d., p. 77-79).*

No conjunto de textos disponibilizados no *corpus* Tycho Brahe, há uma enorme quantidade de ocorrências que confirmam a perfectividade de TP da definição acima. Em outras palavras, não há progressão do passado para o presente (imperfectividade), seja de maneira contínua (durativo) ou escalonada (iterativo):

(1) XVI – Diogo do Couto – Décadas (p. 156-157)

*[...] porque dos quatrocentos mil cruzados, que o Governador arrecadou dele este Março passado, não achámos carregados sobre o Feitor Bastião da Fonseca [...] E não achando nós na India carga, nem despeza alguma da outra demazia, nos parece que se despenceo na carga desta não. Esta confusão **tem nascido** da perda dos livros, e papeis, que até agora houve neste Estado.*

(2) XVII – Manuel Bernardes – Nova floresta (p. 70-71)

*– Sacrifica (instou o tirano) e forra-te aos tormentos com que viste há pouco acabar miseravelmente a Asclas e Leonides. Respondeu o santo: “Aparelhado estou para passar por onde eles passaram, a troco de chegar onde eles **têm chegado**. E vergonha havias tu de ter de me alegrares com o santo Asclas, lembrando-te do que passaste com ele, quando não podias passar o rio.*

(3) XVI – Luís de Sousa – A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires (p. 77)

*Em particular me encomende ao cabido, quando for à Sé, e aos padres da Companhia, e ao Padre Frei Estêvão Leitão, e ao Padre Frei Gaspar Borges. “**Tenho-lhe escrito** uma (carta) sobre a moderação das escmunhões que se tiram contra ladrõezinhos.*

(4) XVI – Fernão Mendes Pinto – Perigração

[...] e pôdo todas cinco as proas em nos, se vierão á orça senhoreando do balravento, pelo que então acabamos de entender que eraõ Turcos: nos tanto que as conhecemos, differimos com muyta pressa a vella grande [...] e nos fizemos na volta do mar com bem grãde arreceyo que por nossos pecados nos acontecesse aly outro desastre semelhante ao de que atras tenho tratado.

(5) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – Correspondência

*E como quinze dias de mar separam providencialmente essas duas colméias de Lusitanos segue-se isto: – que quando a Gazeta chegue a Lisboa com artigo meu já esse artigo **tem aparecido** no Repórter há quinze dias, que é como se disséssemos há quinze anos [...]*

(6) XVII – José da Cunha Brochado – Cartas (p. 25-26)

*[...] o certo é que, em facto de religião, todos discursam bem, quando têm diante dos olhos a necessidade e o perigo; e por isso os milagres acham mais fé nos enfêrmos que nos controversistas. O Duque de Lorena **tem já tomado posse** dos seus Estados, onde foi recebido com aquele alvoroço e estinação que os Duques, seus antecessores, deveram sempre à grande fidelidade daqueles povos.*

(7) XVII – António Vieira – História do futuro (p. 125)

*Se lhe parece cousa dura arrancar de sua coroa uma jóia tão preciosa como o Reino de Portugal, reparem seus prudentes e católicos conselhos que o não era menos naquele tempo, nem menos conhecido e celebrado no mundo o reino de Judá, e que Ciro, rei ambicioso, arrogante e gentio, não duvidou de o demitir de seu Império. Quanto mais que por este acto de consciência, religião e cristandade, e por este Reino que Castela restituir ou consentir a Deus (pois Ele o **tem já restituído**), lhe pode Deus dar outros maiores e mais dilatados, com que enriqueça e sublime sua coroa e amplifique o Império de sua monarquia, como sucedeu ao mesmo Ciro!*

(8) XVIII – Matias Aires – Reflexão sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a fortuna (p. 60)

*As cousas parece que se espiritualizam para se entregarem a nós assim que as imaginamos; ou ao menos para que a eficácia delas se incorpore em nós, muito antes que elas cheguem; e deste modo as cousas antes que as tenhamos, já são nossas; e quando a causa se apresenta, **já temos sentido** os seus efeitos; por isso desconhecemos tudo o que vimos a alcançar, e nos parece que há falta naquilo que vimos a conseguir: as cousas, quando chegam, já nos acham saciados; porque o desejo é uma espécie de gozar mais activa, e mais durável, mais forte, e mais contínua [...]*

(9) XVII – Manuel da Costa – A arte de furtar

*O navio se fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só João Daranton se salvou com toda sua família por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E **tenho-vos descoberta** a maranha, irmão Leitor, e assim passa na verdade; e assim costumão fazer este salto homens do mar neste Reyno, no Brasil, na India, e em todas nossas Conquistas, com afronta grandissima da nossa Nação, encargo irremediavel de suas consciencias, e escandalo atroz de estrangeiros; que com serem ladroens por natureza, profissão, e arte, não sabemos, que usem de tão horrenda, e detestavel malicia, e modo de furtar.*

(10) XVIII – Marquesa D'Alorna – Cartas e outros escritos

*Trouxe-a o Conde para nós a vermos; e, dizendo que ninguém se atrevia a fazer-lhe os canhões, disse-lhe eu que estava pronta a fazê-los, se se achassem os retrozes, etc. Depois de muito trabalho, achou-se tudo e eu **tenho** os canhões **feitos**, e (se me não enganar) tão bem feitos como a vésia.*

Cada uma dessas ocorrências tem uma particularidade que permite retomar a definição dada no trecho citado da gramática de Argote, do século XVII. Elas não são exemplos de aspecto iterativo, diferentemente do que se observa no uso contemporâneo da perífrase, de acordo com Ilari (2000) e Mendes (2005).

Em (1-XVI) e (2-XVII) temos verbos *achievement* típicos, com os quais o emprego de TP conduziria imediatamente a uma interpretação iterativa, na atualidade. Pode-se dizer que, nesses exemplos, *tem nascido* e *têm chegado* poderiam ser substituídos pela forma simples do pretérito perfeito – *nasceu* e *chegaram* – e que evidentemente não se trata da repetição de *nascer* ou *chegar*. Há que observar, contudo, que a forma simples do pretérito também é usada naqueles trechos, indicando que o passado composto guarda alguma especialidade em relação ao perfeito simples: codifica o resultado de uma ação ou evento passado, em vez de “apenas” localizar o evento no passado.

Em (3-XVI), *tenho escrito uma carta* é um exemplo muito interessante, pois não há definição de um intervalo de tempo em que o evento estaria se repetindo (de fato, não há repetição envolvida). Essa sentença seria agramatical no PB contemporâneo, em que tenderíamos, mais uma vez, a substituir a forma composta pela simples:

(3a) * *Eu **tenho escrito** uma carta a ele para dizer-lhe tudo o que penso.*

(3b) *Eu **escrevi** uma carta a ele para dizer-lhe tudo o que penso.*

(3c) *Eu **tenho escrito** uma carta a ele por dia.*

(3d) *Eu **tenho escrito** (várias) cartas.*

Dada a característica iterativa de TP, o argumento singular *uma carta* não interfere na gramaticalidade de (3c), pois o escalonamento no tempo está indicado em *por dia*. Tal indicação não é necessária em (3d), pois o argumento plural em combinação com TP satisfaz a idéia de iteratividade.

Os exemplos (4-XVI) e (5-XIX) são particularmente exemplares para a definição dada na gramática de Argote e, por conseguinte, para a observação da sua diferença diante do uso contemporâneo da forma. *Tenho tratado* e *tem aparecido* vêm acompanhados de adjuntos adverbiais que localizam os eventos no passado, respectivamente *atrás* e *há quinze dias*. Essa combinação não é mais possível:

(4a) * ***Tenho tratado** disso num artigo mais velho.*

(5a) * *Meu artigo **tem aparecido** no jornal de quinze dias atrás.*

O exemplo (5), extraído das correspondências entre Eça de Queiroz e Oliveira Martins, foi a única ocorrência encontrada entre os textos disponibilizados daquele século. Já no XVI e no XVII eles são bastante freqüentes, e no XVIII são menos raros que no XIX. Como no XIX é bem mais freqüente o uso de TP com possível interpretação iterativa (como veremos mais adiante), parece claro que é na passagem do XVIII para o XIX que a forma TP começa a deixar de ser interpretada como um pretérito, como um perfectivo, e passa a ser mais usada para denotar imperfectividade.

Na seqüência dos exemplos diacrônicos citados, as ocorrências em (6-XVII), (7-XVII) e (8-XVIII) têm a particularidade de incluir o advérbio *já*, que enfatiza o caráter resultativo, portanto perfectivo, do emprego de TP naqueles séculos. Esses também são casos em que a forma simples do pretérito seria selecionada nos dias atuais, diante da característica iteratividade da perífrase:

(6a) **Ele tem já tomado posse.* >> *Ele já tomou posse.*

(7a) **Ele o tem já restituído.* >> *Ele já o restituiu.*

(8a) **Já temos sentido os seus efeitos.* >> *Já sentimos os seus efeitos.*

Duas observações devem ainda ser feitas com relação a esses exemplos. A frase (8a), fora de contexto, permitiria uma leitura imperfectiva aos olhos de um leitor dos séculos XX e XXI, e sua paráfrase poderia ser: “vem se repetindo o fato de que sentimos os seus efeitos” ou “já estamos sentindo os seus efeitos”. Entretanto, no contexto original da sentença, no texto de Matias Aires, tal paráfrase não é possível. Assim, “quando a causa se apresenta, já temos sentido os seus efeitos” seria melhor parafraseado como: “quando a causa se apresenta, seus efeitos já foram sentidos”.

A segunda observação diz respeito ao escopo de *já* em (6) e (7) – o verbo no participio. Tal sintaxe, muitíssimo freqüente no séculos XVI e XVII, permite interpretar *ter* como um auxiliar ainda em processo de gramaticalização, pois suas propriedades possessivas são ainda presentes (*o tem; tem a posse*), e o conjunto perifrástico ainda não apresenta alto grau de coalescência sintagmática (cf. HOPPER; TRAUOGOTT, 1993; LEHMANN, 1982).

Para o que nos interessa mais de perto aqui, ressaltamos que o correlato semântico desses fatos de gramaticalização é a interpretação resultativa de TP. Dito de outro modo, é possível que a interpretação imperfectiva (aspecto iterativo ou durativo) da perífrase, mais recente que a perfectiva (aspecto resultativo), seja um fato semântico paralelo ao avanço na sua gramaticalização.

Os dois últimos exemplos – (9-XVIII) e (10-XIX) – também permitem que se fale em processo de gramaticalização (MATTOS E SILVA, 1993; 2002): o participio aparece em concordância de gênero e número com o sintagma nominal argumento do verbo *ter*. Em (9), *a maranha* é um argumento posposto à forma nominal, enquanto em (10) *os canhões* é anteposto a ela, figurando logo depois do auxiliar. Trata-se, portanto, de mais uma evidência de que a interpretação resultativa dessas ocorrências pode estar correlacionada ao grau de gramaticalização do conjunto perifrástico.

Imperfectividade

Apesar da definição dada na gramática de Argote (século XVII) para *ter + participio* – “pretérito perfeito composto” –, nem sempre o emprego da forma pode ser diretamente interpretado como perfectivo nos textos que compõem o *corpus* analisado, da forma como vimos antes. Nos séculos XVI e XVII, já há ocorrências que podem ser consideradas no mínimo ambíguas quanto à distinção perfectividade/imperfectividade, obviamente da perspectiva de um leitor contemporâneo. Dessa mesma perspectiva, é notável como nos textos do século XVIII aumenta a freqüência de dados em que a noção de imperfectividade é marcada, seja na própria sentença seja no contexto em que ela se insere. E no século XIX, o uso imperfectivo da perífrase chega a ser mais freqüente do que o perfectivo nos textos de certos autores.

A ambigüidade que podemos constatar em certas ocorrências reside no fato de que não há elementos textuais que tornem obrigatória a leitura perfectiva:

(11) XVI – Luís de Sousa – A vida de Frei Bartolomeu dos Mártires (p. 129-130)

*Foi a obra d’el-Rei que, passando em romaria a Santiago, notou a foz do rio e [...] conheceu a disposição que tinha pera, com o comércio do mar, enobrecer um bom lugar [...] Mas nenhum comércio lhes **tem montado** tanto como o das terras novas do Brasil, que, no tempo que isto escrevíamos, traziam no mar setenta navios de toda sorte, com que a terra está mocíça de riqueza [...]*

(12) XVII – José da Cunha Brochado – Cartas (p. 16)

*A nova da convalescença de El-Rei Católico sossegou os discursos desta terra, e também os temores, porque, estando tão dissipados da guerra, lhes parecem feios todos os motivos de entrar nela. **Têm chegado** a Paris muitos estrangeiros que se conhecem de longe. Como nesta terra os procuradores de artes, começam as damas a fazer fortuna [...]*

(13) XVIII – Antônio da Costa – Cartas do Abade Antônio da Costa

*Ditoso de mim, e dos outros, que gostamos destas coisas, e temos liberdade para gozar delas, e triste de quem não pode o fazer o mesmo por estar preso em um cárcere escuro e asqueroso, ou por outro qualquer impedimento! Se Vossa Mercê passasse aqui quatro primaveras como eu **tenho passado**, quando tornasse para Portugal, estranharia lá muito o clima, e sempre teria saudades de Roma.*

Num exercício de análise em que dispomos basicamente de três “instrumentos” – (i) a definição dada por uma gramática do século XVII; (ii) os dados diacrônicos, evidências propriamente; e (iii) os dados sincrônicos, em que a perífrase é caracteristicamente iterativa –, a pergunta que se faz acerca do aspecto nas sentenças com TP acima é: o estado de coisas descrito é um *resultado* (acabado, perfectivo), observado pelo autor da frase da perspectiva do presente da escritura, ou se trata de um evento iniciado em algum momento do passado que se estende até o presente (aspecto imperfectivo)?

Para tornar tal questão mais específica para cada um dos casos acima, perguntamos:

- em (11), o comércio no Brasil *já* forneceu um montante mais significativo que outros, ou *continua* contribuindo para o incremento de tal montante?
- em (12), os estrangeiros *já* chegaram, ou *continuam* chegando, progressivamente?
- em (13), já *passsei* quatro primaveras neste local, ou *ainda* continuo aqui (portanto, a caminho de completar a quinta primavera)?

É claro que, do ponto de vista de leitores no início do século XXI, tendemos a favorecer a segunda interpretação em cada uma das perguntas elaboradas. Entretanto, além da definição dada na gramática da época, não temos acesso ao modo como os autores das frases de (11) a (13) visualizavam os fatos que descreveram no momento da escritura. Isso é válido mesmo no exemplo dado em (13), cujo advérbio de lugar *aqui* (sublinhado no excerto) garante que o autor *continua* no mesmo lugar de onde escreve *tenho passado quatro primaveras*.

Ou seja, se, de um lado, podemos, sim, dizer que o sujeito continua no local e, por isso, *tenho passado* pode ser interpretado como uma verdade que se alonga do passado para o presente, não podemos garantir que era mesmo esse o esquema aspectual que o autor visualizava quando escrevia seu texto; de outro lado, se trazemos à discussão outros exemplos em que a noção de imperfectividade é textualmente denotada, o problema da definição “*TP é pretérito perfeito*” fica ainda mais patente:

(14) XVII – António Vieira – História do futuro (p. 133)

*Não é nem pode ser nossa tenção diminuir as forças de Espanha, nem escurecer a grandeza de sua potência, tão conhecida do mundo todo e tão temida e reverenciada [...] Mas é força que ela e nós confessemos que são maiores os poderes de Deus, e que, assistida deles, a desigualdade de Portugal pode resistir e prevalecer contra Espanha, como lhe **tem resistido** e **prevalecido** em tantos anos.*

(15) XVIII – Marquesa D’Alorna – Cartas e outros escritos (p. 196)

*Apenas vos falta um género de glória, e, depois de ter percorrido a carreira de Augusto, tenho dúvidas sôbre se a vossa alma se a sujeita a ficar atrás dele, no que toca à generosidade. **Tenho sido** vossa inimiga até o presente – confesso-vo-lo. Continuo a sê-lo. A honra impõe-me que vos odeie. Êste ódio, contudo, é apenas fundado sôbre os sofrimentos do Mundo.*

(16) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – Correspondência (1884)

*Meu querido Oliveira Martins; A minha sublevação intestinal **tem resistido** à repressão conservadora do Bismuto. Preciso por isso um desses sujeitos que no tempo de Molière, freqüentavam a alta sociedade com uma seringa debaixo do braço, e que nós hoje chamamos um príncipe da ciência. Conheces tu algum bom – tão bom que distinga realmente o intestino grosso da aorta?*

Nessas três ocorrências da perífrase, o evento alonga-se do passado para o presente, em que se inclui o momento da escritura. Em (14), é razoável a interpretação de que “*em tantos anos*” inclui o ano corrente, no qual se constata a resistência continuada de Portugal diante da Espanha. Em (15), “*até o presente*” não deixa dúvidas: a inimizade entre a autora e seu interlocutor vem de outros tempos até o “agora” em que a carta está sendo escrita. E finalmente em (16), fica claro que a resistência ao Bismuto é “presente”, ainda que o texto não revele *desde quando*. Trata-se, portanto, de casos em que o aspecto é durativo, pois o que chamamos de “alongamento do passado para o presente” é visualizado de maneira continuada. Todavia, também há ocorrências de TP cuja imperfectividade vem com marcas de escalonamento – intermitência, descontinuidade – configurando o aspecto iterativo:

(17) XVIII – Pina Manique – Cartas do Intendente e de J. R. Lisboa para o Dr. F. Montanha (p. 122)

*Vossa Mercê procurará o Dezembargador Francisco António Duarte da Fonseca Montanha para debaixo das suas sabias e zelosas instruções [...] Da actividade de Vossa Mercê, e dos moregerados costumes de que me **tem dado** sucessivas provas, espero que assim o cumpra, e faça executar, sem duvida ou interpretação alguma.*

(18) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – Correspondência (23 de maio de 1888)

*Há porém um outro ponto que enceto já – ainda que não sei se tu és a pessoa competente para o resolver. Jaime Séguier quando me convidou para escrever no Repórter, pretextou a pobreza de jornal que começa, e ofereceu-me duas libras por artigo de duas colunas. **Eu tenho escrito artigos** artigos de cinco colunas – mas isso é só culpa da minha loquacidade. Ora, querido Joaquim Pedro, por duas libras não vale a pena estar a manufaturar imensas talhadas de prosa. Elas dão-me um grande trabalho – e nos jornais do Brasil produzir-me-iam o dobro. Por outro lado eu não quero fazer exigências judaicas a um jornal que luta pela vida – e que há-de lutar, mesmo que passe às mãos dinheiras de O'Neill. Como combinar tudo portanto – interesse e sentimento?*

(19) XIX – Eça de Queiroz e Oliveira Martins – Correspondência (18 de janeiro de 1892)

*Pelo Soveral decerto soubeste já tudo o que se passou em Londres. Daqui de Paris sei que Rouvier se mostra muito decidido a influir para a nossa souvetage. Mas Rouvier é horripelmente retors. Leroy-Beaulieu com quem eu fiz conhecimento há tempos, mas que não **tenho frequentado** ultimamente, (et pour cause) deve estar satisfeito. Este homem é uma potência. Eu posso ser para com ele, se disso houver necessidade, um intermediário.*

“Sucessivas” e “ultimamente”, nos exemplos (17) e (19), respectivamente, não deixam dúvidas quanto ao caráter imperfeito daquelas sentenças. Como em (17) o argumento do verbo é plural, e como em (19) o próprio verbo “frequentar” é de natureza repetitiva, o subtipo de aspecto imperfeito que temos é diretamente interpretável como iterativo. Já em (18), não temos nenhum adjunto na sentença com TP que permita a interpretação imperfeita, mas o contexto deixa claro que o autor “vem escrevendo” artigos de cinco páginas (e não de duas) e que tem a intenção de *continuar* a fazê-lo – de modo que podemos interpretar esta do mesmo modo que as outras duas ocorrências.

Esses três últimos dados poderiam ser facilmente encontrados em textos contemporâneos e mostram que os usos do passado composto português não são exclusivamente perfectivos desde o século XVIII. Voltando às outras ocorrências que apresentamos, podemos recapitular:

- até o século XVI, TP parece ser exclusivamente perfectivo;
- ainda que haja exemplos de TP-perfectivo em todos os séculos analisados, a partir do XVII começam a ser observados usos imperfeitos;
- comparando os dados do XVIII e do XIX, TP-imperfeito é notavelmente mais freqüente neste último;
- no conjunto de textos do século XIX, TP-imperfeito é mais freqüente do que TP-perfectivo.

Nossa análise permite, então, admitir que houve uma mudança nos usos de TP. Num processo que se revela gradual, observamos fases em que a forma era plurifuncional, aparecendo ora na composição do resultativo ora na composição do durativo ou do iterativo, nos textos de um mesmo autor. Mais recentemente, tal plurifuncionalismo foi reduzido, por assim dizer. Para não incorrer no equi-

voco de negligenciar aspectos gerais dos processos de mudança que envolvem gramaticalização – tais como a “persistência”, de acordo com o qual traços sintático-semânticos mais antigos em geral persistem em estágios mais recentes da história de uma língua –, podemos pelo menos afirmar que o resultativo (subtipo de perfectivo) deixou de ser emprego prototípico do passado composto.

Para finalizar nossa argumentação, valemo-nos de mais três exemplos:

(20) *Eu já **tenho** os trabalhos **recolhidos**.*

(21) XVI – Francisco de Holanda – Da Pintura Antiga (p. 261)

*E por de mi não fallar, digo que o grande debuxador Micael Angelo, que aqui stá, sculpe tambem em marmor, que não é seu officio, e melhor in da (se dizer se póde) do que pinta com pincel na tavao, e elle mesmo me **tem dito duas vezes** que menos deficel acha a scultura das pedras que o fazer das cores, e que por muito mór cousa tem dar um risco mestrioso com a penna, que não já com o scopro.*

(22) * *Ele me tem dito isso duas vezes. >> Ele me **disse** isso duas vezes. / Ele **tem** me dito isso freqüentemente*

Em (20), temos uma sentença que, podemos assumir, é provavelmente pouco freqüente em textos e situações de fala contemporâneos. Contudo, não se trata de estrutura agramatical, e é perfeitamente interpretável como resultativa. Pode ser considerado, então, um exemplo de que a sincronia revela fatos representativos de recortes mais antigos – em outras palavras, *persistência*.

Certas propriedades, entretanto, podem desaparecer da gramática sincrônica. O uso de TP com um número específico de vezes é encontrado em séculos passados (21); mas, atualmente, não se pode determinar quantas vezes o evento se repete. Conforme (22), a quantidade de repetições só é aceita pelo pretérito perfeito simples; com TP, o número de repetições tem que ser indeterminado – uma forte evidência de que seu uso é prototipicamente imperfectivo no português contemporâneo.

Segundo Bybee et al. (1994), processos desse tipo são observados na evolução gramatical de diferentes e numerosas línguas. Entretanto, o caso do português pode ser tomado como especial entre as línguas românicas, pois a forma reconhecida como passado composto não pode figurar em contextos que requeiram o emprego do perfeito simples, diferentemente do que se observa no francês, no italiano e em algumas variedades do espanhol.

ANÁLISE QUANTITATIVA

Nesta seção, vamos nos ater aos textos dos séculos XVIII e XIX, pois é neles que observamos um aumento relevante do emprego imperfectivo de TP. Nos séculos anteriores, conforme já indicamos, as ocorrências de TP-imperfectivo são esporádicas, quando não discutíveis.

Nos gráficos a seguir, os autores estão dispostos de acordo com a data de seu nascimento. As ocorrências de TP-perfectivas foram separadas em tipos, de acordo com sua agramaticalidade no português contemporâneo (conforme já observamos na análise qualitativa):

(tipo i) perfectivo resultativo com “quantidades” específicas ou com localização temporal específica

(tipo ii) perfectivo resultativo com adverbial “já”

(tipo iii) perfectivo com verbo *achievement*

(3) **Tenho** lhe **escrito** uma (carta) sobre a moderação.

(5) Esse artigo **tem** **aparecido** no Repórter há quinze dias atrás.

(6) O Duque de Lorena **tem** já **tomado posse** dos seus Estados.

(1) Esta confusão **tem** **nascido** da perda dos livros.

Dentre as ocorrências imperfeativas, separamos aquelas com quantificadores indefinidos e com adjuntos adverbiais de extensão de tempo:

(tipo i) imperfeativo com quantificadores indefinidos

(17) (Ele) me **tem** **dado** sucessivas provas.

(tipo ii) imperfeativo com adjuntos de extensão de tempo

(15) **Tenho** **sido** vossa inimiga até o presente.

As ocorrências em que não havia nenhum elemento sentencial ou contextual que permitisse uma decisão segura entre a leitura perfectiva e a imperfeativa foram classificadas como ambíguas, também conforme indicamos na análise qualitativa.

No primeiro grupo de autores, representativos do primeiro quarto do século XVIII, observa-se que são ainda pouco freqüentes as ocorrências de TP-imperfeativo, com destaque para Verney, que não apresentou nem um caso sequer desse tipo. Destaca-se também Costa, com 16% dos casos (cinco ocorrências) representados por TP-imperfeativo do tipo (i) (quantificadores indefinidos), evidenciando um aumento significativo na freqüência de casos em que a imperfeatividade é indubitável, já nesse período.

Gráfico 1 – De 1702 a 1714

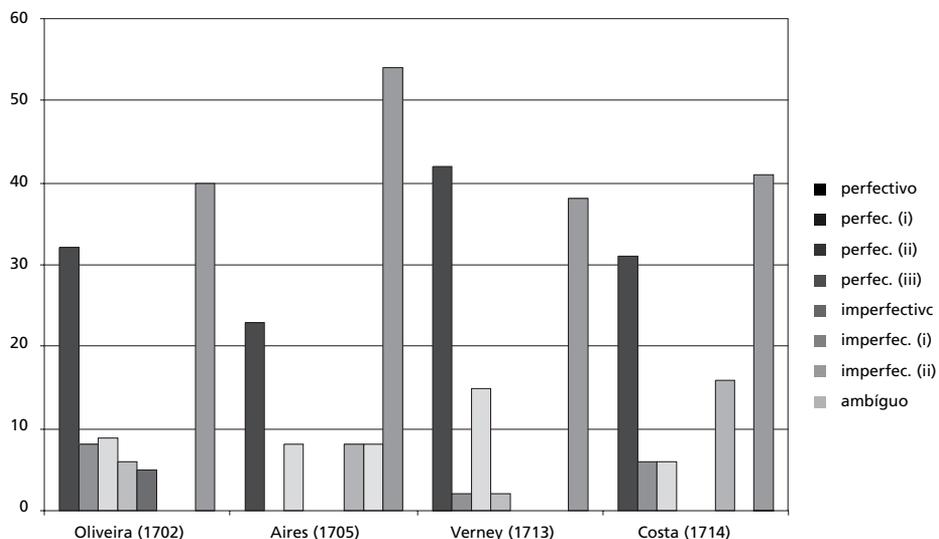


Gráfico 2 – De 1724 a 1750

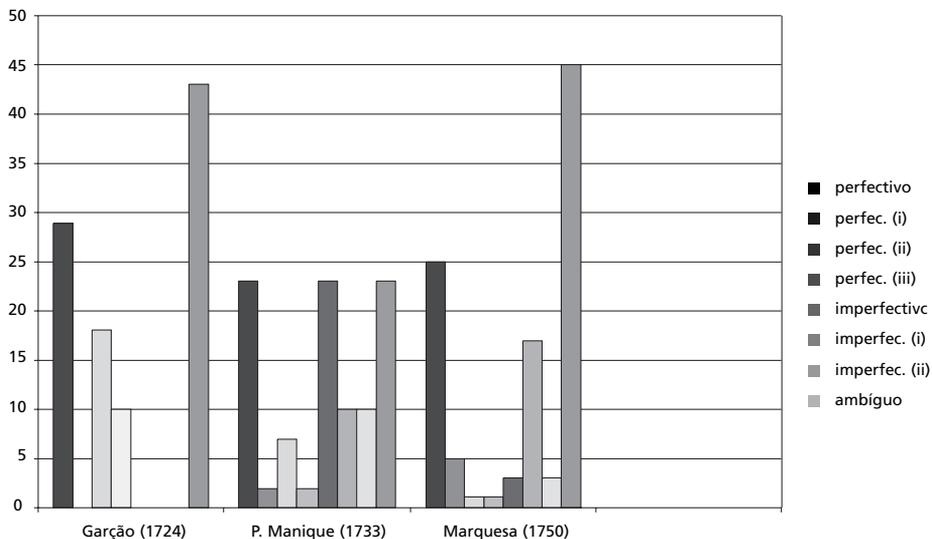
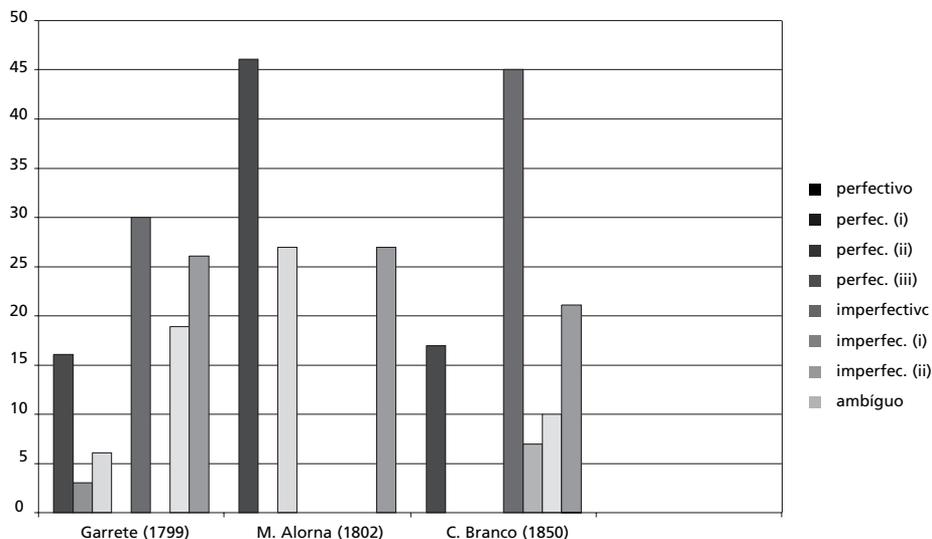


Gráfico 3 – De 1799 a 1825

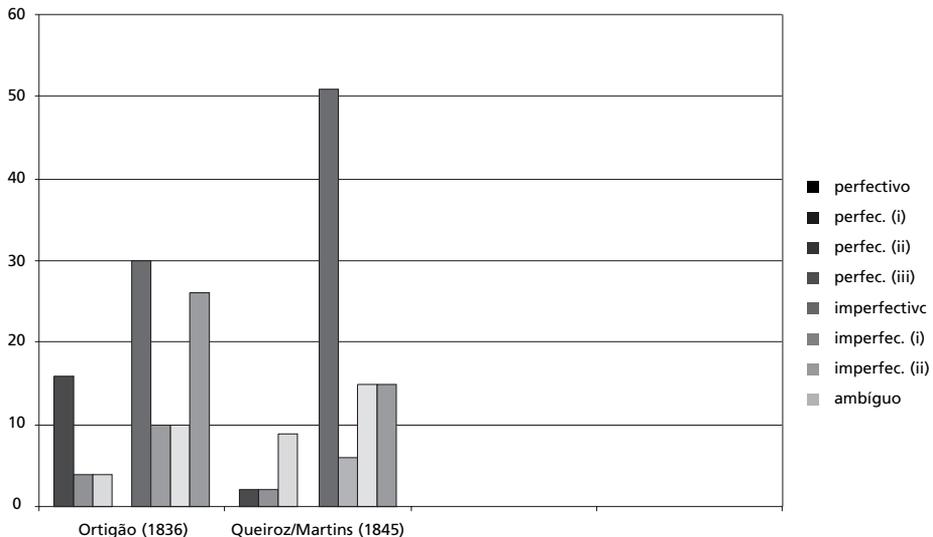


Os gráficos 3 e 4 ilustram, respectivamente, o segundo quarto do século XVIII e a passagem do século XVIII para o XIX. A principal diferença entre esses e o primeiro gráfico está no aumento de casos imperfectivos, ainda que em dois dos autores eles não apareçam, em absoluto (Garção-1724 e Marquês de Fronteira e Alorna-1802). De fato, no Gráfico 3, o autor intermediário pode ser tomado como um caso isolado, na medida em que, nos outros dois autores, o número de ocorrências de TP-imperfectivo ultrapassa o de TP-perfectivo.

É importante notar também que, nesses dois gráficos, é progressivo o aumento no número de casos de TP com marcas sentenciais de imperfectividade – imperfectivo tipos (i) e (ii). Além disso, e paralelamente, nos períodos representados por eles:

- aparecem pouquíssimas ocorrências de TP-perfectivo com localização temporal específica (perfectivo tipo (i), conforme exemplificamos anteriormente);
- e aparecem apenas duas ocorrências de TP-perfectivo com verbos do tipo *achievement*, perfectivo tipo (iii), no período representado no Gráfico 2 (uma em Pina Manique, e outra num texto do Marquês de Fronteira e Alorna), ao passo que não aparece nenhuma nos autores do período seguinte (Gráfico 3).

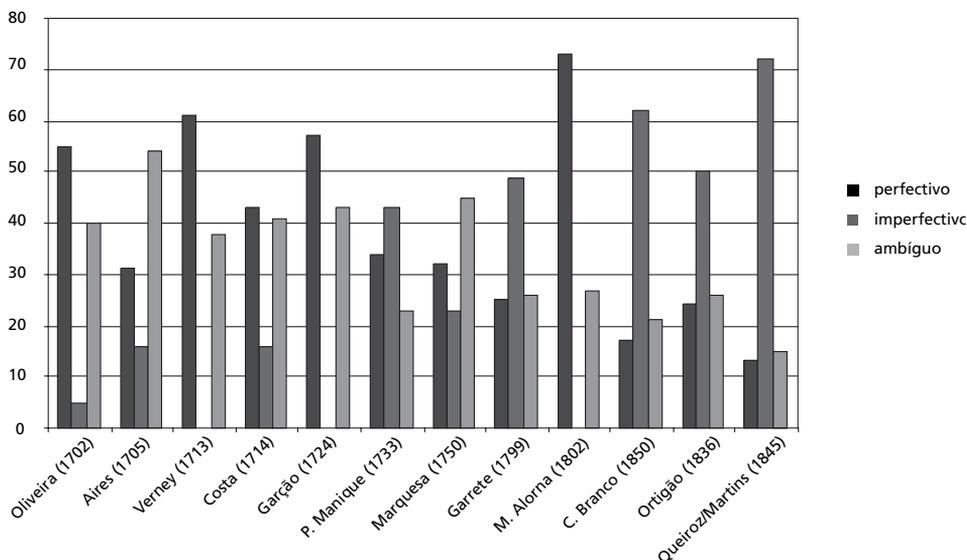
Gráfico 4 – De 1836 a 1845



O Gráfico 4 representa, finalmente, um período em que não apenas os casos de TP-imperfectivo ultrapassam os de TP-perfectivo em número, mas também um período em que a freqüência do emprego da perífrase com elementos sentenciais que marcam a imperfectividade é maior do que aquela dos casos com marcas especiais de perfectividade (adjuntos adverbiais de localização num momento específico do tempo passado e adverbiais como “já”). Mais uma vez, não foi registrado nenhum caso em que TP fosse empregado com um verbo do tipo *achievement* (“nascer”, “chegar”) na composição do perfectivo, evidenciando que esse deixou de ser prototípico já no começo do século XIX. Além de tudo isso, também é notável que, progressivamente, diminui o número de casos classificados como ambíguos, do ponto de vista da distinção entre perfectividade e imperfectividade.

Com o intuito de verificar o progressivo aumento na freqüência do emprego imperfectivo da forma do passado composto, paralelamente à redução de seu emprego perfectivo, amalgamamos as diferentes ocorrências de cada tipo, e colocamos todos os autores no Gráfico 5:

Gráfico 5 – De 1702 a 1845



Nas correspondências de Garret, de Ramalho Ortigão e naquelas trocadas entre Eça de Queiroz e Oliveira Martins, bem como no texto de Camilo Castelo Branco, 90% dos casos classificados como perfectivos são representados por ocorrências em que o verbo principal é “ver” e “dizer”:

(23) XIX - Almeida Garrett – Correspondências

Tenho visto com grande prazer o seu romance e sinto ver tam pouco agora o Autor para lhe dizer o que penso da obra [...]

(24) XIX – Camilo Castelo Branco – Amor de perdição

João da Cruz foi chamado para ferrar um cavallo, e despediu-se nestes termos: – **Tenho dito**, rapariga; aqui te entrego o nosso doente: trata-o como quem é e como se fosse teu irmão ou marido.

Ilari (2000) afirma que casos como esses ainda podem ser encontrados no uso contemporâneo da forma do passado composto. Assim, se esses usos de TP podem ser hoje descritos como vestígios de épocas mais remotas, parece razoável considerar que, já no século XIX, começaram a se configurar como os casos mais resistentes ao abandono da perífrase em favor da forma do perfeito simples, na composição de aspectos perfectivos como o resultativo.

CONCLUSÃO

A principal questão que motivou nossa análise foi: como a perífrase TP deixou de ser usada para expressar aspecto perfectivo (resultado), passando a expressar apenas imperfeito (duração e iteração)? Esse é um problema de implementação de usos inovadores na língua, que pode ser esclarecido com uma abordagem de caráter variacionista – uma mesma forma pode se prestar a mais de uma função, ainda que uma das funções se sobressaia diante de outra ou

outras; ou seja, num mesmo recorte diacrônico, uma regra pode se fazer valer em certos contextos e não operar em outros.

Qualitativa e quantitativamente, vimos que a evolução nos usos da forma do passado composto em português é exemplar de tal processo. O Gráfico 5 mostra muito claramente como o uso imperfeito de TP torna-se prototípico no século XIX, em detrimento de seu uso perfectivo – algo bastante distinto do que se observa no início do século XVIII e na passagem de um século ao outro. Os textos de Garção (1724) e da Marquesa de Alorna (1802) constituem minoria numa análise desse tipo, e não configuram um contra-argumento para a implementação dessa mudança – corroborada pela agramaticalidade de TP em frases perfectivas, na atualidade.

Juntamente com a pergunta sobre “como” se deu a mudança, poderíamos perguntar “por que” ela ocorreu – o que caracterizaria o problema de sua iniciação, do inglês *actuation* (ou *initiation*) (cf. WEINREICH et al., 1968). O exame qualitativo dos empregos de TP em séculos passados nos mostra que a diferença entre o resultativo (resultado presente de uma ação ou evento passado) e o imperfeito (alongamento do passado para o presente) pode residir na focalização de um ou outro ponto de um esquema temporal – aspectual – visualizado pelo usuário da língua. Elaborar uma resposta sobre por que se deixou de ver tal esquema de uma forma para vê-lo de outra constitui uma tarefa bem mais complexa, já que os dados a que se tem acesso nem sempre oferecem pistas suficientemente esclarecedoras dos estágios mais iniciais de um processo de mudança (McMAHON, 1994). Contudo, se consideramos que modos diferentes de visualização conviveram em certos recortes diacrônicos, podemos ficar mais próximos de uma resposta ao porquê da mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGOTE, J. C. de. *Regras da língua portuguesa*. Espelho da língua latina. s.d.
- BYBEE, J. et al. *The Evolution of Grammar-Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.
- BOLÉO, M. de P. O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas. *Separata de Cursos e Conferências da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, v. VI. Coimbra: Biblioteca da Univesidade, 1936.
- CASTILHO, A. T. Problemas do aspecto verbal no português. In: GÄRTNER, E. et al. (Ed.) *Estudos de gramática portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. v. 3.
- HARRIS, M. The “past simple” and the “present perfect” in Romance. In: VINCENT, N.; HARRIS, M. (Ed.) *Studies in the romance verb*. London: Croom Helm, 1982.
- HERSLUND, M. et al. (Ed.) *Analyses grammaticales du Français*. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1983.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOWE, C.; SCHWENTER, S. A. Present perfect for preterite across Spanish dialects. *Working papers in Linguistics: papers from NWAV 31*. Philadelphia: University of Pennsylvania, v. 9.2, 2003.

- ILARI, R. Notas para uma semântica do passado composto em português. *Actas do Congresso Internacional organizado por motivo dos 20 anos do português no ensino superior*. Budapeste: Universidade Eötvös Loránd, 2000.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile*, v. 20, p. 303-18, 1982.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico – Morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.
- _____. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, Feira de Santana: UEFS, 2002.
- MENDES, R. B. *Ter + participio e estar + gerúndio – Aspecto e variação no português*. Campinas, 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- McMAHON, A. M. S. *Understanding Language Change*. New York/Oakleigh: Cambridge University Press, 1994.
- MOLINA, J. R. Difusión léxica, cambio semántico y gramaticalización: el caso de haber + participio en español antiguo. *Revista de Filología Española*. Madrid: Instituto de la Lengua Española, Tomo LXXXIV, Fascículo 1º, 2004.
- WEINREICH, U. et al. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin/London: University of Texas Press, 1968.

MENDES, R. B. The evolution of the “passado composto” in Portuguese. *Todas as Letras* (São Paulo), ano 7, n.2, p. 49-64, 2005.

Abstract: *The “passado composto” in Portuguese does not convey perfective aspect, as does the correlate constructions in French and some varieties of Spanish. In contemporary Portuguese, this periphrasis expresses imperfective (iterative or durative). In this paper, I make a qualitative and a quantitative analysis of the use of the “passado composto” in texts from the XVI-XIX centuries, in order to demonstrate how its semantics changed over time.*

Keywords: *Verbal aspect; semantic variation; semantic change.*